

Rock em tempos de repressão e censura: a ditadura militar e os álbuns da banda Tutti Frutti

Alexandre Saggiorato¹

Edemilson Antônio Brambilla²

RESUMO

O presente estudo analisa a relação entre a banda Tutti Frutti, surgida no ano de 1971, e a ditadura militar brasileira, instaurada no país entre os anos de 1964 e 1985, visto que, assim como boa parte dos músicos do período é possível perceber nas músicas da banda uma atitude contestatória e libertária, contrária ao que impunham os ideais do regime militar. Para tanto serão considerados como base para análise os álbuns lançados pela banda no período em que esteve em atividade durante a década de 1970 e início de 1980, procurando apontar como os músicos se posicionaram frente às ações impostas pela ditadura militar, em especial depois de instaurado o Ato Institucional n° 5, responsável, entre outras medidas, pela censura prévia às artes e a qualquer meio de comunicação, dificultando assim o trabalho dos artistas do período.

Palavras-chave: Banda Tutti Frutti, Ditadura Militar, Repressão, Censura.

Rock in times of repression and censorship: the military dictatorship and the Tutti Frutti's albums

ABSTRACT

The present study analyzes the relationship between the Tutti Frutti band, created in 1971, and the Brazilian military dictatorship, established in the country between 1964 and 1985. Since, like in great part of musicians in the period, it is possible to perceive in the band's songs a challenged and liberator attitude, contrary what the ideals of the military regime imposed. So, it will be analyzing the albums released by the band during the 1970s and early 1980s, finding to show how the musicians positioned themselves against the actions imposed by the military dictatorship, especially after

¹Professor do Curso de Música da Universidade de Passo Fundo. Contato: <alexandresaggiorato@yahoo.com.br>.

²Acadêmico do Curso de Música (LP) da Universidade de Passo Fundo. Contato: <edemilson.brambilla@gmail.com>.

been established the Institutional Act number 5, responsible, among others measures, for prior censorship of the arts and to any means of communication, making difficult the artist's work in the period.

Keywords: Tutti Frutti Band, Military dictatorship, Repression, Censorship.

1. INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade da década de 1960 e o início da década de 1970, eclodiram no Brasil várias bandas de rock que mais tarde marcariam seu nome no cenário musical do período. Rodeadas por influências de um conturbado período Pós-Guerra, com americanos e soviéticos travando uma disputa hegemônica, exportando para além-fronteiras sua cultura, e, conseqüentemente sua música, surgem no país bandas com ideais que contestavam os impostos pela cultura dominante, ou, mais especificamente, pela grande mídia.

É bem verdade que durante este período, onde o Brasil vivenciava tempos de enorme repressão e censura ocasionadas pela ditadura militar, instaurada no país desde 1964, vários músicos produziram uma música que por vezes não se enquadrava nos padrões impostos tanto pela direita quanto pela esquerda, como era o caso dos roqueiros, considerados por muitos como sendo rebeldes e transgressores, colocando-os à margem dos grandes meios de comunicação, que buscavam atingir os principais mercados de consumo. É este contexto que vê surgir bandas como O Terço, Casa das Máquinas, A Bolha, a banda Tutti Frutti, analisada neste trabalho, entre outras.

Formada no bairro da Pompéia, em São Paulo, no ano de 1971, por Luis Sérgio Carlini (guitarras e vocais), Lee Marcucci (baixo) e Emilson Colantonio (bateria), a banda inicialmente chamava-se Coqueiro Verde, mudando o nome para Lisergia no ano seguinte, sugestivamente influenciado pelas experiências com drogas recorrentes no período. Somente no ano de 1973 é que a banda passa efetivamente a se chamar Tutti Frutti, mesmo nome do espetáculo solo de sua mais nova integrante: Rita Lee.

Rita vinha de uma longa e profícua carreira com Os Mutantes, mas depois de desentendimentos com alguns integrantes resolve deixar o grupo, formando ao lado de Lúcia Turnbull a dupla Cilibrinas do Éden, com quem lança um disco homônimo ainda em 1973. Segundo Calado (1995, p. 301) “o nome foi inventado por Rita, a partir do novo estilo de som que imaginava: uma mistura suave, delicada e acústica de vocais

femininos, violão, viola americana, flauta, sininhos e, eventualmente, até cantos e bater de asas de pássaros”. No entanto, o duo acústico formado por Rita e Lúcia recebeu intensas críticas do público. Calado (1995, p. 301) aponta que “além do nervosismo das garotas, outro problema do show foi o repertório. Em vez de apelar para algo conhecido do público, Rita resolveu mostrar apenas suas novas composições”.



Figura 1: Cilibrinas do Éden em seu primeiro show, no festival Phono73

Com o fracasso da primeira apresentação, Rita e sua então empresária Mônica Lisboa decidiram que o duo precisava de uma banda para acompanhar seu mais novo show – que estrearia no *Teatro Ruth Escobar*, em São Paulo, de 15 de agosto a 16 de setembro – chamado *Rita Lee – Tutti Frutti*, nomeando assim sua banda de apoio, que até então ainda se chamava Lisergia.

Nesse sentido, procuraremos estabelecer possíveis ligações entre a produção musical feita pela banda Tutti Frutti e os acontecimentos sócio históricos do período, em especial com relação à ditadura militar brasileira. Em um primeiro momento, discorreremos sobre a ditadura militar e suas implicações para o cenário musical. E, em seguida, com a análise de seus álbuns, trataremos de apontar os reflexos disso no processo composicional da banda Tutti Frutti.

2. A DITADURA MILITAR E O BRASIL DOS ANOS DE CHUMBO

Durante a segunda metade do século XX, despontaram em vários países Latino-

Americanos regimes militares de ações duradouras e significativas para a história política dos mesmos. No Brasil, os fatos que sucederam o Golpe Militar, com a tomada do poder pelas forças militares em 1º de abril de 1964, assinalam o fim de uma longa experiência democrática no país, visto que, segundo Capellari (2007, p. 33-34):

Da derrubada de João Goulart até a eleição indireta, pelo Congresso Nacional, de Tancredo Neves, em 1985, o Brasil foi governado por generais que se alternaram no poder através de dispositivos legais e ilegais que lhes garantiam a exclusividade do governo da federação.

4

Nesse sentido, cabe ressaltar então, a importância dos Atos Institucionais para a legitimação das ações impostas pelos militares no período, com destaque maior para o *Ato Institucional n° 5 (AI - 5)*, instaurado em dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva. O ato, entre outras medidas, estabelecia a censura prévia aos meios de comunicação e às artes em geral. Assim, conforme Fico (2004, p. 95) “as novelas, os programas de auditório, os shows musicais etc. eram ciosamente acompanhados pela censura de diversões públicas”, o que gerou intensa inquietação por parte da imprensa e da classe artística, visto que alguns desses meios eram usados como forma de contestação à ditadura militar e ao “sistema” de modo geral. Sobre isso Ridenti (2003, p. 143) aponta que:

Após o golpe de 1964, os artistas não tardaram a organizar protestos contra a ditadura em seus espetáculos. Ainda mais porque os setores populares foram duramente reprimidos e suas organizações praticamente inviabilizadas, restando condições melhores de organização política especialmente nas camadas médias intelectualizadas, por exemplo, entre estudantes, profissionais liberais e artistas. Esse período testemunharia uma superpolitização da cultura, indissociável do fechamento dos canais de representação política, de modo que muitos buscavam participar da política inserindo-se em manifestações artísticas.

Assim, os anos seguintes à instauração do *Ato Institucional n° 5*, conhecidos como “anos de chumbo”, foram marcados por um recrudescimento da repressão e censura imposta pelos militares, em contrapartida às atitudes contestatórias e libertárias oriundas dos contrários ao regime militar. Essa censura, embora não totalitária, influenciou consideravelmente a produção artística do período, visto que, conforme

Fiuza (2006, p. 189) “no campo da música, foi criada uma dinâmica de controle que abarcava desde os grandes festivais de música popular até os pequenos festivais em colégios, em pequenas ou médias cidades, ou ainda nas periferias dos grandes centros urbanos”, mostrando assim que, toda a produção musical feita neste período, estava sendo cuidadosamente acompanhada pela inspeção militar. Rita Lee (2016, p. 145), relata que antes de estrear qualquer show, filme ou peça de teatro, os militares se sentavam na plateia vazia para assistir ao espetáculo em primeira mão. Se não gostassem, proibiam sem maiores explicações, não importando o gasto com a produção.

Os roqueiros, ainda que na maioria das vezes procurassem evitar rótulos políticos, expressavam em suas composições a insatisfação para com os rumos do país. Ao ponto em que é preciso considerar o papel de contestação social assumido pelo rock, pois conforme Gatto (2011, p. 72) “o rock é um produto comercial e um discurso de contestação, [...] que encontra eco ou não no público”. Ainda nesse sentido, Rodrigo Merheb (2012, p.9) aponta que:

Reconhecido como a expressão musical da revolução de costumes, o rock nesse período conseguia agregar sentimentos potencialmente subversivos, não apenas no embate político, mas especialmente como expressão visceral de sexualidade e total rejeição aos valores da classe média.

Assim, os ideais impostos pela maioria dos roqueiros do período contrariavam diretamente o que impunham as forças militares que comandavam o país. Reconhecidos pelos cabelos compridos, roupas exóticas e pelo uso abusivo de drogas, a liberdade de expressão, a liberdade sexual, e a contestação aos padrões impostos pela sociedade eram ideais defendidos por grande parte destes roqueiros. Na maioria das vezes, os ideais desses jovens eram refletidos em suas criações musicais, quase sempre oscilando em um território tênue, sem a obrigatoriedade de transmitir uma mensagem clara ao ouvinte, podendo valer-se de metáforas e ambiguidades.

Dessa forma, demais aspectos referentes à ligação entre a ditadura militar brasileira e as manifestações artísticas presentes no período serão abordados nos capítulos subsequentes. Cabe-nos agora, buscar perceber os ecos desse período repressor e censório nas produções feitas pela banda Tutti Frutti, de maneira a atentar sobre a forma em que a banda se posicionou frente a esses acontecimentos, e, de que maneira isso se refletiu em seu processo composicional.

3. OVELHA NEGRA EM TEMPOS DE REPRESSÃO E CENSURA

A temporada de Rita Lee & Tutti Frutti no porão do *Teatro Ruth Escobar* foi marcada inicialmente por shows com pouca plateia e apresentações repletas de percalços devido à estrutura precária do espetáculo. A banda ainda enfrentou dificuldades com a censura imposta pela ditadura militar, que vetou do repertório a faixa *Gente fina é outra coisa*, composta por Rita Lee, e lançada no único LP das Cilibrinas do Éden, em 1973. Nesse sentido, Rita Lee (2016, p. 128) aponta:

Não tínhamos PA, instrumentos e voz saíam direto dos amplificadores de palco. Salvo a música *Minha fama de mau*, faziam parte do *setlist* composições minhas ainda desconhecidas: *Mamãe natureza*, *Cilibrinas do Éden.*, *nessas alturas dos acontecimentos*, *E você ainda duvida*, e *Paixão da minha existência atribulada*. A música *Gente fina é outra coisa*, parceria minha com Bivar, foi censurada. Completei o repertório com *covers* de Stones, Bowie e Wanderléa.

No entanto, o crescente sucesso do novo show, e o apoio do produtor André Midani, fez com que a banda decidisse fazer novas gravações, resultando em um LP com uma sonoridade psicodélica, um reflexo das longas experiências com drogas durante a gravação, fazendo com que o resultado não agradasse a gravadora, que acabou vetando a ideia. Assim, o primeiro disco de Rita Lee & Tutti Frutti, denominado *Atrás do Porto Tem Uma Cidade*, só viria a ser lançado em meados de 1974.

3.1 “SEGURA A BARRA, A BRUXA ESTÁ SOLTA...”: ATRÁS DO PORTO TEM UMA CIDADE

Lançado pela *Poly Gram*, *Atrás do Porto Tem Uma Cidade* contém dez faixas – *De pés no chão*, *Yo no creo pero*, *Tratos à bola*, *Menino bonito*, *Pé de meia*, *Mamãe natureza*, *Ando Jururu*, *Eclipse do cometa*, *Círculo vicioso* e *Tem uma cidade* –, sete delas compostas somente por Rita Lee, e as demais em parceria com o baixista Lee Marccuci e com o guitarrista Luís Sérgio Carlini – para as gravações a banda ainda contava com Lúcia Turnbull (vocal, guitarra e violão) e, Paulinho e Mamão (bateria).



7

Figura 2: Primeira formação da banda, na contracapa do álbum *Atrás do Porto Tem Uma Cidade* (1974)

Algumas faixas do disco parecem fazer referência aos acontecimentos sócio históricos do período, como é o caso da faixa *Yo no creo pero*, composta por Marcucci, Carlini e Rita, que parece fazer referência à enorme repressão e censura imposta pelos militares, comparando a fiscalização militar a uma “bruxa” que pode estar em qualquer lugar, como se estivesse a observar cada movimento, fato corriqueiro no período, pois como vimos no capítulo anterior, a vigilância por parte dos militares era rotineira e permanente, principalmente sobre manifestações que, aos olhos militares, aparentassem ser possíveis conspirações contra o governo e seus ideais.

Segura a barra, a bruxa está solta / Não dê moleza, ela pode estar na mesa / O dia inteiro, até mesmo no banheiro / Ou de pijama, dormindo na sua cama / Yo no creo en brujas, pero que lashay, lashay / Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.

Em *Ando Jururu*, composta por Rita Lee, parte da letra parece expressar certa vontade de encontrar um novo caminho, de liberdade e alegria, apostado ao dos tempos difíceis vivenciados no país. A letra também parece deixar implícita nas frases: “*Quero encontrar pelo caminho / um cogumelo de zebu*” – uma referência ao uso de drogas alucinógenas, recorrentes entre os jovens do período, pois, conforme o pesquisador Luciano Martins, a experiência com o ideário psicodélico entre esses jovens funcionava

“como afirmação da liberdade através da busca do prazer, como um ato de rebeldia (sem objeto claro) e como algo que a distinguiria e que a oporia ao mundo adulto e repressivo – ao mundo careta [...]” (apud CAPELLARI, 2007, p. 57). Vejamos a letra:

E pensar que eu passei todo esse tempo / Investindo no meu *know-how* / E pensar que eu quase me danei / Apostando no meu *background* / Eu ando jururu / *I don'tknowwhatto do* / Quero encontrar pelo caminho / Um cogumelo de zebu / E descansar os meus olhos no pasto / Descarregar esse mundo das costas / Eu só quero fazer parte do *backing vocal* / E cantar o tempo todo shoobeedoodaudau.

8

A faixa *Eclipse do Cometa*, também composta por Rita Lee, parece descrever metaforicamente a tensão que tomava conta do país já há algum tempo, além de descrever a tomada do poder por parte dos militares a partir de abril de 1964, comparando-os a um “cometa” que tomou conta do país através de um golpe, sem que ninguém percebesse, criando a sensação de que o ato foi necessário, para que a população pudesse livrar-se do período turbulento que vinha sendo vivenciado na política interna brasileira. A música ainda termina enfatizando que “*não é preciso cometas*”, uma possível referência ao anseio pelo fim da ditadura militar e pela redemocratização do país.

No natal passado houve confusão / Um cometa abalava a população / Seria aviso ou imaginação? / Coincidências, começaram a ter uma razão / E as pessoas precisavam dele / Pra levantar as cabeças / Mas olhe bem *baby* / Não é preciso cometas / Tem que ter cuidado e não se envolver / Acontece como tem mesmo que acontecer / Mas o outro lado, ninguém percebeu / O cometa deu um golpe e não apareceu.

Em *Círculo Vicioso*, faixa composta por Marcucci, Carlini e Rita, a letra parece fazer referência ao momento repressivo e de permanente vigilância militar vivenciado no período, destacando metaforicamente também o forte poder persuasivo exercido pelos militares, fatos que acabavam abalando e amedrontando as pessoas, forçando-as, como parece sugerir a letra, a viverem disfarçadas atrás de um sorriso forçado. Vejamos a letra:

Eu só quero brincar com a sua cabeça / Eu só quero brincar com a sua cabeça / No fim das contas, estamos dando voltas / Num círculo vicioso, perigoso

para o sistema nervoso / Abalado, sempre disfarçado, atrás de um sorriso / De Narciso afogado, ai, que nervosa estou / Sou neurastênica, preciso me casar / Senão, eu vou pra Jacarepaguá.

As demais faixas do álbum parecem fazer referência ao momento em que Rita vivia após sua saída definitiva dos Mutantes, além de fazer referência a antigos romances da cantora. Ambas as faixas vão delinear os rumos para o próximo trabalho – *Fruto Proibido* – lançado em 1975, que é talvez o trabalho mais conhecido da banda. Cabe destacar que entre o lançamento do presente disco e do LP *Fruto Proibido*, a banda ainda lança um LP ao vivo, gravado no festival *Hollywood Rock*, em 1975, juntamente com bandas como O Peso, Vímana, e os cantores Erasmo Carlos e Raul Seixas. Este fica sendo também o último trabalho de Lúcia Turnbull antes de sua saída do grupo.

9

3.2 “NESSE FRUTO ESTÁ ESCONDIDO O PARAÍSO...”: FRUTO PROIBIDO

Uma das grandes preocupações por parte dos militares do período era a preservação da moral e dos bons costumes da sociedade, ao ponto em que a censura à imagem de artistas sempre foi significativa durante os anos da ditadura militar. No meio musical, um forte exemplo dessa censura feita pelos militares é o caso do LP *Fruto Proibido*, lançado por Rita Lee e Tutti Frutti, em 1975. Carocha (2007, p. 51) aponta que:

[...] a cantora e compositora Rita Lee teve seu LP intitulado *Fruto Proibido* recolhido de todas as lojas de discos localizadas em território nacional. O motivo principal da censura não foram as letras musicais, mas sim a capa do LP que, segundo os sensores, “reproduzia claramente uma atmosfera lúbrica de cabaré francês”. A foto da capa mostrava a cantora trajando uma camiseta de seda que possuía uma fenda lateral na perna esquerda, pela qual se podia vislumbrar levemente a coxa desnuda da cantora. A gravadora de Lee ainda tentou argumentar, já que as composições deste LP haviam sido liberadas em 1973, mas não houve alternativa e o disco foi recolhido e sua capa modificada posteriormente.

Vejamos a versão final da capa do disco:

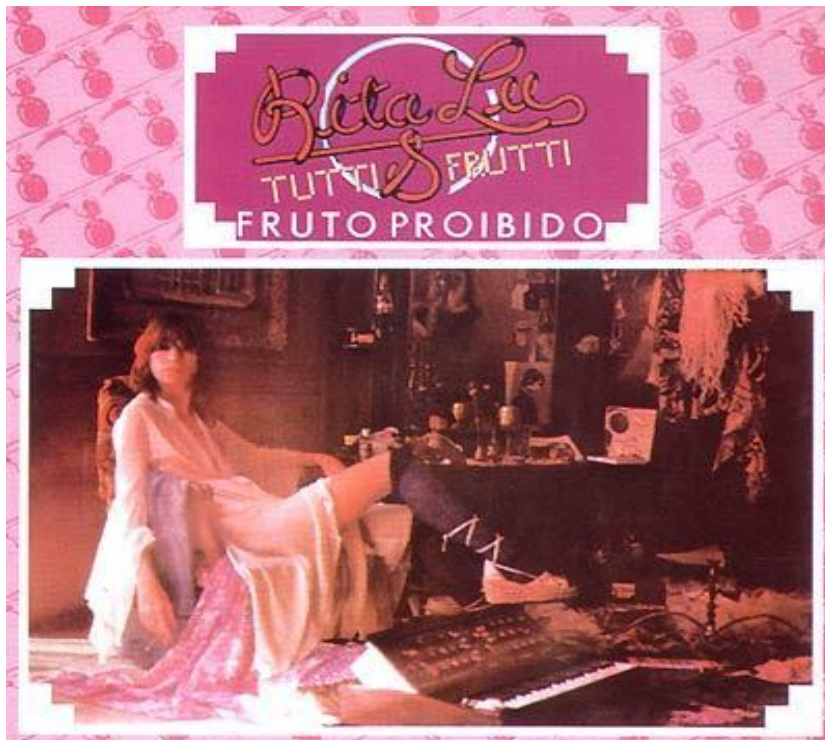


Figura 3: Capa do LP *Fruto Proibido* (1975)

Conforme o depoimento de Carocha aponta, as letras do disco não encontraram problemas com os militares e foram liberadas pela censura, ambas não parecem fazer referência direta às questões políticas vivenciadas no país, mas sim descrever um pouco sobre o ideário da maioria dos jovens do período, como a busca por liberdade e a rebeldia contra a ordem vigente, nestes casos, ideais nem sempre diretamente ligados à política. Nesse sentido, merecem destaque as faixas *Agora só falta você*, e, *Ovelha negra*, ambas compostas por Rita Lee. Em *Ovelha negra*, Rita parece descrever essa fuga dos padrões comportamentais impostos nas relações familiares, e a busca por um ambiente de expressão e liberdade, anseio comum entre os jovens durante aqueles anos.

Levava uma vida sossegada / Gostava de sombra e água fresca / Meu Deus, quanto tempo eu passei, sem saber / Foi quando meu pai me disse: “Filha, você é a ovelha negra da família” / Agora é hora de você assumir, e sumir! / *Baby Baby!* Não adianta chamar / Quando alguém está perdido, procurando se encontrar / *Baby Baby!* Não vale a pena esperar / Tire isso da cabeça, ponha o resto no lugar.

“Na onda do sucesso do *Fruto Proibido*, gravei um compacto duplo, lado A com *Ovelha negra* e *Status*, lado B com *Caçador de aventuras*, uma quase moda de viola, e *Lá vou eu*, esta uma declaração de amor à beleza sisuda de São Paulo” (LEE, 2016, p.

147). Conforme aponta o depoimento de Rita Lee, logo após o lançamento do disco *Fruto Proibido*, a banda aproveita a boa repercussão do álbum e lança um compacto duplo antes da chegada às lojas do seu próximo LP, denominado *Entradas e Bandeiras*.

3.3 “MEU DEPARTAMENTO É DE CRIAÇÃO...”: ENTRADAS E BANDEIRAS

Um dos grandes marcos influenciadores na carreira e, principalmente, nas criações musicais de Rita Lee & Tutti Frutti a partir deste período, sem dúvidas, foi o fato de Rita ter sido presa pelos militares em meados de 1976, acusada de porte de entorpecentes. Carocha (2007, p. 52-53) aponta que:

Rita Lee foi uma compositora bastante visada pela censura. Ela chegou a ter problemas com a polícia do regime, chegando a ser presa por razões muito parecidas com aquelas pelas quais as suas músicas foram censuradas. Lee ficou presa por 21 dias no ano de 1976, depois que a polícia invadiu sua casa e fez uma apreensão de maconha, situação que posteriormente se agravou devido ao fato de a cantora ter se recusado a negar em público que era usuária da substância, exigência da polícia. O caso ganhou ainda mais repercussão porque Rita Lee estava grávida do seu primeiro filho. Sobre este acontecimento a cantora compôs a música *X 21*, contando a história de cada uma das detentas com as quais dividiu aquela cela, mas a composição nunca pôde ser gravada, pois ficou retida na DCDP³.

Nesse sentido, vale abrir um parêntese para os ideais da contracultura refletidos nas ações de boa parte dos jovens desse período. A liberdade sexual, o uso de drogas alucinógenas e o misticismo são ideais comuns no pensamento contra cultural, usados, de certo modo, como forma de rebeldia e transgressão da ordem vigente, imposta pela cultura dominante. Segundo Ridenti (2003, p. 147):

[...] a contracultura caracterizava-se por pregar a liberdade sexual e o uso de drogas – como a maconha e o LSD, cujo uso era considerado uma forma de protesto contra o sistema. O amor livre e as drogas seriam liberadores de potencialidades humanas escondidas sob a couraça imposta aos indivíduos pelo moralismo da chamada “sociedade de consumo”.

³Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assim, conforme aponta Ridenti, o uso de drogas pode ser interpretado como forma de protesto à rigidez das leis, bem como à repressão e censura imposta pelos militares, além de servir como ponto de fuga de uma realidade que, na concepção dos mais jovens, era arcaica e ultrapassada. Nesse mesmo sentido, Capellari (2007, p. 57) aponta que:

As drogas, sob o viés contra cultural, são portadoras de uma carga explosiva que, uma vez detonada, subverte a ordem no interior da qual uma determinada visão de mundo – ultrapassada – fora entronizada pelo Sistema para conservá-lo. Visão na qual, associada ao caráter repressivo de suas manifestações políticas, a própria configuração do real resulta arbitrária, imposta pela cultura dominante.

12

Conforme Carocha (2007, p. 53) a prisão de Rita Lee “colocou ainda mais as letras da compositora no foco da censura e serviu como justificativa para o veto de duas composições, resultantes de parcerias de Rita Lee: *Lady Babel* (1976) e *Eu e o meu gato* (1978)”. A primeira delas, *Lady Babel*, integra o presente álbum, lançado pela gravadora *Som Livrepouco* tempo antes da prisão de Rita, e é composta por ela em parceria com Lee Marcucci e Luís Sérgio Carlini. A letra parece fazer referência às incertezas e dificuldades do período, como se pessoas fossem representadas metaforicamente como árvores que se curvam contra o vento, neste caso, representando os militares, como alternativa para não sofrerem com as ações impostas por eles. Além disso, nas frases:

*Só as folhas que procuram pelo sol, são chamadas normais / Ah, doce ilusão,
doce ilusão / As raízes que desprezam a luz do dia, não devem morrer / Essa
vida que existe de maneira tão estranha / Só porque você quer.*

A letra pode estar referindo-se aos jovens que lutam contra as regras e padrões impostos pelas classes dominantes, como se estes não deveriam pagar por defender seus ideais contestatórios e libertários, delegando por fim, às classes mais conservadoras, a responsabilidade pela situação vivenciada no país. Vejamos toda a letra:

A árvore que se curva, contra o vento que é mais forte dura mais, muito mais
/ Só as folhas que procuram pelo sol, são chamadas normais / Ah, doce
ilusão, doce ilusão / As raízes que desprezam a luz do dia, não devem morrer
/ Essa vida que existe de maneira tão estranha, só porque você quer / Hey
você! Repare no arranha-céu, aprende a ver de longe a Lady Babel / Hey

você! Repare na sua cabeça, aprenda a ver que a minha intenção / Não era dizer um monte de mentiras / Talvez, talvez, é o sucesso que sobe à cabeça / Talvez, talvez, antes mesmo que ele apareça / Talvez, talvez, é o sucesso que sobe à cabeça / Talvez, talvez, a sua intenção / Só era dizer um monte de mentiras / Enquanto alguma coisa vai, sempre outra coisa vem.

Faixa composta por Rita Lee, *Coisas da vida* faz uma possível referência ao anseio pelo fim da ditadura militar, e às incertezas quanto aos rumos do país, fatos que parecem estar implícitos nas frases: *No fim da avenida, existe uma chance, uma sorte, uma nova saída, qual é a moral? Qual vai ser o final dessa história?* Por fim, parece enfatizar ainda sua esperança por dias melhores e sua resistência perante as dificuldades enfrentadas no período. Vejamos a letra:

Quando a lua apareceu, ninguém sonhava mais do que eu / Já era tarde, mas a noite é uma criança distraída / Depois que eu envelhecer, ninguém precisa mais me dizer / Como é estranho, ser humana nessas horas de partida / É o fim da picada / Depois da estrada começa uma grande avenida / No fim da avenida, existe uma chance, uma sorte, uma nova saída / Qual é a moral? Qual vai ser o final dessa história? / Eu não tenho nada pra dizer, por isso eu digo / Eu não tenho muito o que perder, por isso jogo / Eu não tenho hora pra morrer, por isso sonho / São coisas da vida / E a gente se olha, e não sabe se vai ou se fica.

Em *Bruxa Amarela*, composta por Raul Seixas e Paulo Coelho, a letra parece descrever novamente a vigilância que ronda e cerceia os indivíduos, representada metaforicamente na personagem da “bruxa”. Parece deixar implícito nas frases: *Já andei de motocicleta e fiz esporte, e numa corrida me encontrei com a morte*, a vigilância militar que se faz presente até mesmo em atividades rotineiras do cotidiano das pessoas. Fato que parece ser apontado também em outro trecho da letra:

Duas horas da manhã eu abro a minha janela / E vejo a bruxa cruzando a grande lua amarela / E vou dormir quase em paz! / E a chuva promete não deixar vestígio.

Nele, conforme supracitado, a referência aos militares parece estar metaforizada na personagem da “bruxa”, demonstrando que a vigilância policial que amedrontava os cidadãos era feita continuamente noite adentro, sendo assim, difícil a sensação de paz

entre as pessoas, mas enfatizando, no entanto, a esperança por dias melhores. Vejamos a letra completa:

Acabei de dar um check-up na situação / Que me levou a reler Alice no País das Maravilhas / Já andei de motocicleta, fiz esporte / E numa corrida me encontrei com a morte / Acabei de tomar minha cerveja / Minha comida ainda está quente sobre a mesa / Duas horas da manhã eu abro minha janela / E vejo a bruxa cruzando a grande lua amarela / E vou dormir quase em paz / E a chuva promete não deixar vestígio / Aprendi a ler no rosto o que as pessoas não querem me dizer / Aprendi a ler na alma o que as pessoas não podem me esconder.

14

Em *Departamento de criação*, faixa composta por Rita Lee, Luis Sérgio Carlini e Lee Marcucci, a letra pode estar sendo direcionada aos críticos que falavam mal de Rita durante aquele período. Bem como, também pode estar referindo-se aos departamentos de auxílio ao regime militar, responsáveis pela vigilância, censura e repressão impostas durante a ditadura. Na letra, a autora ainda salienta que continuará dando trabalho à crítica, uma alternativa para enfrentar o momento vivenciado. Vejamos a letra:

Quem vive pra servir assim, não serve pra viver aqui / E você quer que eu faça aquilo tudo que você não sabe fazer / Vou dar trabalho à crítica, já que ela depende de mim / É um jeito de sair do buraco que é fundo / E acaba-se o mundo por falta de imaginação / Eu não! Meu departamento é de criação / Mas que falta de imaginação. Eu não! / Meu departamento é de criação / Falar bem de mim é perder o emprego / É perder o sossego, é perder o dinheiro / É perder o segredo da sua profissão / Mas que falta de imaginação. Eu não! / Meu departamento é de criação.

Outra faixa composta por Rita Lee que parece fazer uma crítica ao momento ditatorial vivenciado no país é *Com a boca no mundo*. Nas frases: *Quantas vezes eles vão me perguntar, se eu não faço nada a não ser cantar, quantas vezes eles vão me responder, que não há saída a não ser morrer*, a letra parece estar fazendo uma referência aos interrogatórios policiais corriqueiros no período. Em seguida, a letra parece enaltecer a importância em não se calar frente aos acontecimentos ligados à ditadura militar. Vejamos a letra:

Quantas vezes eles vão me perguntar / Se não faço nada a não ser cantar / Quantas vezes, eles vão me responder / Que não há saída a não ser morrer /

Isso não tem mais jeito, foi tudo dito e feito / Agora não é tempo da gente se esconder / Tenho mais é que botar a boca no mundo / Como faz o tico-tico quando quer comer / Essa fome é vontade de viver / Chamar atenção pra você me ver / Em pleno movimento, meu corpo é um instrumento / Eu sopro aos sete ventos, pra você me escutar / Pra você me ver, pra me ouvir falar disso tudo / Essa melodia não acaba, quando eu resolver parar de cantar

Faixa composta por Rita Lee, a letra de *Posso contar comigo* também parece fazer referência às questões vivenciadas no período da ditadura militar. O primeiro verso permeia-se em uma dicotomia entre passado e futuro, retratando aparentemente as incertezas das pessoas quanto aos rumos do país. Vejamos o trecho citado:

Eu garanto que o céu antigamente se mostrava mais azul / Por outro lado a América ficava bem mais norte do que sul / Eu admito que o futuro antigamente parecia bem maior / Por outro lado o perigo do passado no presente era menor.

O segundo verso faz uma referência ao romance *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes, nas frases: *Mas também quero ter meu Sancho pra lutar contra os moinhos*. No livro de Cervantes, escrito originalmente no final do século XVI, o personagem principal Dom Quixote, após ter perdido a razão depois de muita leitura de romances de cavalaria, começa a crer na veracidade destas histórias e passa a viver como um andante, em uma verdadeira utopia, acompanhado de seu fiel companheiro Sancho Pança e de seu cavalo Rocinante.

Dom Quixote, que via nos grandes moinhos de vento dragões que ele deveria combater, lutava contra as injustiças e os problemas do mundo. Segundo Busatto (2015, p. 14) o personagem “[...] ganha vida na obra trazendo importantes questões político-sociais para o debate através da comicidade das suas muitas aventuras [...]”. Na letra da música, a autora parece remeter às dificuldades vivenciadas frente à ditadura militar, salientando a importância em se ter em quem confiar em tais momentos, tal como Dom Quixote tinha a Sancho Pança, para poder lutar contra seus próprios “moinhos de vento”, ou, mais especificamente, contra as injustiças e os problemas sócio-políticos do país.

Hoje posso dizer que estive em frente do perigo / Mas tudo fica mais fácil quando existe algum amigo / Por isso quero dizer que já passei por maus bocados / Comendo em altos banquetes sem ficar empapuçado / Também já

*posso dizer que não é nada estar sozinho / Mas também quero ter meu
Sancho pra lutar contra os moinhos.*

O terceiro verso salienta novamente a importância em se ter com quem contar em tais momentos, enquanto o quarto e último verso parece deixar implícito nas frases: *Eu admito que a cantiga de ninar daquela época era muito melhor, mas a cantiga de acordar de hoje em dia tem um som muito maior*, uma referência a um passado tranquilo, do qual todos sentem falta, mas enaltece por fim o poder da contestação feita diante do momento político atual. Vejamos:

*Posso contar comigo numa solidão / Mas ter algum alguém do lado é melhor
pro coração / Posso contar comigo numa solidão / Mas ter algum alguém do
lado / Dentro de uma multidão / Eu garanto que o rio antigamente só corria
para o mar / E o vampiro só deixava suas marcas numa noite de luar / Eu
admito que a cantiga de ninar daquela época era muito melhor / Mas a
cantiga de acordar de hoje em dia tem um som muito maior.*

A prisão de Rita Lee ainda deu origem a uma música, denominada *Arrombou a festa*, uma sátira com o momento musical brasileiro, composta em parceria com Paulo Coelho. A faixa foi lançada primeiramente em um compacto simples, após o lançamento do LP *Entradas e Bandeiras*. A ideia, segundo a cantora, era lançar a faixa juntamente com X21, mas como a música havia sido censurada, a escolhida para o lado B do compacto foi *Corista de rock*, fazendo do lançamento um recorde de vendas no formato (LEE, 2016, 160).

3.4 “ARROMBOU A FESTA”: REFESTAÇA

O disco *Refestança*, lançado em 1977, é resultado de uma parceria entre Rita Lee e Gilberto Gil, ambos presos um ano antes pelas forças militares por uso de drogas. Boa parte das músicas do disco são regravações, incluindo *É proibido fumar*, composição de Erasmo Carlos e Roberto Carlos, que passou a ganhar novas conotações devido aos acontecimentos do ano anterior. O álbum também marca o encontro das bandas Tutti Frutti, acompanhando Rita Lee, e, Refavela – da qual Lúcia Turnbull passou a integrar depois de sua saída da banda Tutti Frutti –, acompanhando Gilberto Gil.

Assim como o LP *Fruto Proibido*, o disco *Refestança* também foi alvo das ações

dos órgãos fiscalizadores do regime militar. Desta vez, a censura vetou do disco a faixa *De leve*, versão da música *Get Back* de Lennon e McCartney, oriunda de uma parceria entre Gil e Rita. Como justificativa para o veto, os militares alegaram que a letra “remete ao homossexualismo e ao lesbianismo de maneira vulgar, maliciosa e inadequada”, tendo em vista que, segundo os ideais militares, questões ligadas a sexo e ao homossexualismo eram também consideradas um afronte à moral e aos bons costumes da sociedade. Vejamos a letra da música:

Jojo era um cara que pensava que era, mas sabia que era não / Saiu de Pelotas, foi atrás da hera, trepadeira de verão / De leve, de leve, de leve que é na contramão / Sweet Loretta Martinica na cuica, muito garotão curtiu / Juram que viram Loretta de cueca, dizem que nas lá do Rio / De leve, de leve, de leve que é na contramão.

Nem o sucesso de Rita Lee & Tutti Frutti neste período foi capaz de evitar uma série de desavenças que há tempos ocorria entre os integrantes do grupo. Dentre os motivos, o fato de Roberto de Carvalho, marido de Rita Lee, estar à frente das produções da banda desagradava aos demais integrantes. As discussões ainda se intensificaram depois da descoberta de que o guitarrista Luis Sérgio Carlini havia registrado em seu nome a banda Tutti Frutti, sem o consentimento dos demais músicos. O fato foi tratado como traição pelos companheiros, e como a turnê do disco *Babilônia* ainda estava em seu início, cogitaram a hipótese de mudar o nome da banda (LEE, 2016, p. 167).

3.5 “O PALHAÇO RI DALI, O POVO CHORA DAQUI, E O SHOW NÃO PARA...”: BABILÔNIA

Gravado no estúdio da *Som Livreno* Rio de Janeiro, com produção de Guto Graça Mello e Roberto de Carvalho, *Babilônia* é o quinto álbum de Rita Lee & Tutti Frutti. O LP traz nove faixas: *Miss Brasil 2000*, *Disco voador*, *Agora é moda*, *Jardins da Babilônia*, *O futuro me absolve*, *Sem cerimônia*, *Que loucura*, *Eu e meu gato* e *Modinha*. Algumas das faixas, a exemplo dos álbuns anteriores, parecem fazer referência às questões políticas presentes no período.

Em *Jardins da babilônia*, faixa composta por Rita Lee e Lee Marcucci, a letra

parece fazer referência ao poder de contestação exercido por parte dos jovens do período, bem como parece deixar implícito nas frases: *O palhaço ri dali, o povo chora daqui, e o show não para, e apesar dos pesares do mundo, vou segurar essa barra*, o sofrimento da população frente aos acontecimentos sócio-políticos do período, salientando que, apesar de tudo, superariam os difíceis momentos vivenciados no país. Vejamos a letra:

Suspenderam os Jardins da Babilônia / E eu pra não ficar por baixo, resolvi botar as asas pra fora por que / “Quem não chora dali”, “Não mama daqui” diz o ditado / Quem pode, pode, deixa os acomodados que se incomodem / Minha saúde não é de ferro não, mas meus nervos são de aço / Pra pedir silêncio eu berro, pra fazer barulho, eu mesma faço / Pegar fogo nunca foi atração de circo / Mas de qualquer maneira, pode ser um caloroso espetáculo, então! / O palhaço ri dali, o povo chora daqui, e o show não para / E apesar dos pesares do mundo, vou segurar essa barra.

Conforme já mencionado anteriormente, *Eu e o meu gato*, letra composta por Rita Lee, também foi alvo da censura militar. Nela, a letra parece fazer referência ao espírito aventureiro e libertário de boa parte dos jovens do período, além de referir-se a um “gato”, que pode ser interpretado metaforicamente como um possível romance da autora. Fatos que, na concepção militar, poderiam incitar a rebeldia e a transgressão dentre os jovens, bem como representar uma afronta aos valores morais e aos bons costumes defendidos pelo regime. Vejamos a letra:

Mais um dia desses, eu vou fugir de casa, e não volto, e não volto / Vou bater as asas, só vou levar comigo, o retrato do meu gato / Companheiro dessa minha melancolia / E você me pede, pra ter paciência, e juízo, e juízo / Mas o que eu gosto, é de andar na beira, do abismo, do abismo / Arriscando minha vida por um pouco de emoção / Eu e meu gato, ele na cama, eu no telhado, ele sem as botas e eu sem grana.

Em *Modinha*, faixa composta por Rita Lee, a letra parece expressar nas frases: *Porque essa vida tá ficando um osso duro de roer, e então, acho bom lembrar que o passarinho na gaiola não esquece de cantar*, uma referência às dificuldades enfrentadas frente à ditadura militar. Também parece expressar o anseio por liberdade e por uma vida tranquila, oposta ao que se vivenciava no país durante aqueles anos, em frases como: *Ai quem me dera um dia, ficar de papo pro ar, tirando um som de uma viola*.

Vejam os a letra completa:

Quem é que pode ser gigante nesse mundo tão pequeno? / Como é que faz pra gente ser feliz e rico ao mesmo tempo? / Eu não sei, mas eu vou tentar / Todo remédio que me cura tem uma contraindicação / O que faz bem pra alma pode fazer mal pro coração / De quem tem pressa de chegar / Ai quem me dera um dia / Ficar de papo pro ar, tirando um som de uma viola / E quanto mais a gente ganha mais a gente vai perder / Porque essa vida tá ficando um osso duro de roer / E então, acho bom lembrar que o passarinho na gaiola não esquece de cantar / Que uma criança nunca briga se ela aprende a brincar e amar, como tem que ser.

19

Ainda sobre a relação de Rita Lee & Tutti Frutti com a ditadura militar, nessa época houve uma preocupação de Rita com as crianças. Ela exigiu matinês durante toda a turnê do disco *Babilônia*, justamente para que o público infantil pudesse vê-la, fato inédito para um artista adulto e do meio do rock. Mas, para isso, ela se comprometeu com a censura a não falar palavrões e cortar algumas músicas, consideradas fortes demais para uma criança, segundo os militares (LEE, 2016, p. 169).

3.6 “UM BELO DIA RESOLVI MUDAR...”: A SAÍDA DE RITA LEE

A explosão comercial que tomou conta do rock produzido durante a década de 1980 deve, em grande medida, ao poder contestatório e libertário assumido por ele nas décadas anteriores. Com a redemocratização lenta e gradual do cenário político brasileiro, novos ideais tomaram conta dos jovens do período, ao contrário dos ideais de contestação e liberdade dos anos anteriores, a década de 1980, em especial após o fim da ditadura militar em 1985, caracteriza-se “pela entrada de outros personagens sociais, pelo fortalecimento da sociedade civil e pela abertura de novos espaços de atuação cultural e política” (ABRAMO apud ENCARNAÇÃO, 2009, p. 134).

É nesse contrastante contexto sócio-político que a banda Tutti Frutti lança seus primeiros trabalhos sem Rita Lee, um compacto simples com as faixas “Você” e “Oh! Suzete”, e um LP denominado *Você Sabe Qual o Melhor Remédio*. Nele, ao contrário do que impunha a midiaticização que tomava conta das bandas de rock do período, as mensagens de contestação social ainda são evidentes. Como exemplo, podemos citar a faixa *Paranoia*, uma possível crítica a um período conturbado, de insegurança e incertezas, tal qual o vivenciado durante os anos mais repressivos da ditadura militar.

Viver estou vivendo, sem nada a entender / Nem mesmo atravessado, ou muito louco, consigo esquecer / A vida que me cerca, não tem mais solução / Feito um cão abandonado / A insônia me domina, não durmo mais direito / Aqueles comprimidos já não fazem mais efeito / Ascendo as luzes, ascendo tudo, entro numas de falar / Mas só encontro paredes com quem posso conversar / Saio, vou pras ruas, tão frias, tão desertas / Talvez encontre alguém, em algum canto em qualquer par / Pra ver se desencano dessa minha loucura / Pra ver se ainda tenho cura / Socorro! Ajuda! Eu preciso tanto! / Às vezes ouço vozes, falando aos meus ouvidos / Outras vezes tenho a sensação de estar sendo seguido / Tudo isso me preocupa, me preocupa pra valer / Desconfio de tudo e de todos, e nem sei mesmo o porquê / Em horas eu reajo e tento esconder / Que a barra está pesada, osso duro de roer / Me faço de palhaço pra enganar sem ser ator / Mas por dentro estou mais feio que filme de terror / Levar só por levar essa vida tão ruim / Pra mi não tem sentido mais viver assim / Pensei em suicídio, mas não sou homem pra tanto / Eu sei que sou covarde, no entanto... no entanto...

Com uma mensagem semelhante à música citada, neste álbum ainda podemos citar as faixas *Classe média* e *Dançar é o melhor remédio*, ambas uma possível crítica aos padrões impostos pela sociedade de consumo. Dessa forma, a nova fase do rock brasileiro, representada mais tarde por bandas como Os Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e Capital Inicial, contrastava claramente com os ideais setentistas da banda Tutti Frutti. Sem Rita Lee, agora seguindo carreira solo, a banda não conseguiu manter-se por muito tempo, e, apesar da tentativa de lançar novas músicas e seguir com a carreira, a banda encerrou as atividades em 1981. As músicas que haviam sido gravadas nessa última fase da banda ainda foram lançadas como faixas bônus no relançamento do LP *Você Sabe Qual o Melhor Remédio*, em 1995.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rock brasileiro produzido durante os anos da ditadura militar, embora estivesse longe dos grandes meios de comunicação, serviu como uma importante forma de contestação aos acontecimentos sócio históricos do período. Cabe ressaltar que, embora não tenham sido os principais alvos dos militares durante a ditadura, a produção musical feita pelos roqueiros também foi bastante afetada pela repressão e censura imposta por eles, especialmente após a promulgação do AI-5, em dezembro de 1968, onde o regime

militar intensificou os esforços para silenciar a oposição e passou a monitorar atentamente a produção cultural (DUNN, 2009, p. 189).

Segundo Fiuza (2006, p. 189) “o Golpe Militar de 1964 não se contrapôs unicamente aos rumos da política, mas também das experiências estéticas e temáticas presentes em diferentes expressões artísticas”, a exemplo da música. É nesse sentido que Rita Lee & Tutti Frutti assumem um lugar de grande destaque no cenário musical brasileiro, com seu claro posicionamento contra o regime militar, expressando em suas composições o descontentamento para com os rumos do país e o anseio por liberdade, comuns entre os jovens durante aqueles anos. Movidos por sonhos, verdadeiras utopias, os jovens desse período, em especial os que de alguma maneira estiveram ligados ao meio artístico, foram capazes de subverter a ordem imposta pelas classes mais conservadoras e impor importantes transformações na sociedade, especialmente com relação à ditadura militar brasileira.

5. FONTES DAS IMAGENS

1. Cilibrinas do Éden em seu primeiro show, no festival Phono 73. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/album/2015/01/29/fotos-e-historias-raras-de-os-mutantes.htm?foto=8>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.
2. Primeira formação da banda, na contracapa do álbum *Atrás do Porto Tem Uma Cidade* (1974). Disponível em: <<http://ritaleetuttifrutti.blogspot.com.br/2011/01/lp-atras-do-porto-tem-uma-cidade-rita.html>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2017.
3. Capa LP *Fruto Proibido* (1975) – Rita Lee & Tutti Frutti. Disponível em: <<http://www.ritalee.com.br/>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2017.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSSATTO, Aline Vichara Berro. *Dom Quixote: a crítica irônica de Cervantes*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2015.
- CALADO, Carlos. *A divina comédia dos Mutantes*. São Paulo: Ed. 34, 1995, 360p.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel* (c. 1970). Teses (Doutorado) – Programa de

Pós-Graduação em História/FFLCH – Universidade de São Paulo, 2007.

CAROCHA, Maika Lois. *Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social/IFCS – Universidade do Rio de Janeiro, 2007.

DUNN, Christopher. *Brutalidade jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira*. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 276p.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. “*Brasil mostra a tua cara*”: rock nacional, mídia e a redemocratização política (1982-1989). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, 2009. 192p.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. : Ed. Record, 2004, 392 p.

FIUZA, Alexandre. *Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970*. Ed. ASSIS, 2006. 360p.

GATTO, Vinicius Delangelo Martins. *Rock progressivo e punk rock: uma análise sociológica da mudança na vanguarda estética do campo do Rock*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia/ICS – Universidade de Brasília, 2011.

LEE, Rita. *Rita Lee: uma autobiografia*. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2016, 294p.

MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock (1965-1969)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, 532p.

RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança*. In: O Brasil Republicano: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do séc.

XX. FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 4, 2003, 432p.

RITA LEE & TUTTI-FRUTTI. *Atrás do porto tem uma cidade*. São Paulo: Philips, 1974.

RITA LEE & TUTTI-FRUTTI. *Fruto Proibido*. São Paulo: Som Livre, 1975.

RITA LEE & TUTTI-FRUTTI. *Entradas e Bandeiras*. São Paulo: Philips, 1976.

RITA LEE & GILBERTO GIL. *Refestança*. São Paulo: Som Livre, 1977.

RITA LEE. *Babilônia*. São Paulo: Som Livre, 1978.